



EDITORIAL

DILEMAS E CERTEZAS

Com quantas dúvidas se constrói o medo? Devo sair de casa, ou devo ficar? Devo ir dar aulas, ou adiar? Obedecer aos despachos, ou agir de acordo com o meu próprio juízo? Novembro foi o mês de todas as perguntas. E, perante a voragem sádica dos números nos *media*, poucas respostas puderam ser dadas. Cumprir as determinações ministeriais pôs à prova o autocontrolo e a racionalidade dos vários agentes da estrutura pedagógica. Uma certeza guiou-nos, porém: a Universidade não pode distanciar-se dos seus alunos, nem deixar que eles se distanciem uns dos outros, tendo uma importante missão socializadora e integradora. Lá fora, outros dilemas marcaram o mês. Para Trump, um dos populistas debatidos no nosso XXII Colóquio de Outono, o mau perder traduziu-se, comicamente, assim: devo sair, mas quero ficar. Pedimos a dois colegas da nossa Escola que comentassem as incertezas e incógnitas que pairam no horizonte, também do Ensino. I.E.

CARREIRA DOCENTE

MAIS UMA LEITORA INGRESSA NA CARREIRA

Kuniko Ukai, doutorada em Literatura Clássica Chinesa pela Universidade de Leiden, em 2008, foi a quarta e última Leitora do ILCH que, à luz do Decreto-Lei 122 / 2019, pôde candidatar-se a um lugar de Professora Auxiliar, tendo sido aprovada, por unanimidade, em provas públicas que decorreram *online*, nos dias 11 e 12 de novembro. Parabéns!



EVENTO

XXII COLÓQUIO DE OUTONO: POPULISMOS E SUAS LINGUAGENS

A 5 e 6 de novembro decorreu *online* a 22ª edição do Colóquio de Outono do Centro de Estudos Humanísticos, organizado este ano por Aldina Marques. Com 21 comunicações e 3 palestras plenárias, por António Costa Pinto (ULisboa), Carla Prestigiácomo (UPalermo) e Catalina Fuentes Rodríguez (USevilla), o colóquio debateu os padrões linguísticos, discursivos e ideológicos do populismo.



PROJETO

FAZER PRESENTE – TEATRO PARTICIPATIVO EM DIÁLOGO INTERGERACIONAL

Financiado pelas fundações Calouste Gulbenkian (programa *Partis*) e La Caixa (*Art for Change*) e coordenado pedagogicamente por Tiago Mora Porteiro, docente de Teatro e investigador do NIEP/CEHUM, o projeto pretende criar dois grupos de teatro sénior em freguesias rurais do concelho de Guimarães, que acolherão semestralmente alunos da licenciatura, bem como ex-alunos que seguirão os trabalhos como monitores. Em conjunto, desenvolverão objetos performativos que visam uma mudança na perceção do envelhecimento, no sentido de uma visão integradora, positiva e sustentada da terceira idade. Resultando das temáticas abordadas na UC Teatro e Comunidades, o projeto fomenta a interseção entre arte teatral e intervenção social, bem como a missão inclusiva da Universidade na sua extensão à comunidade. O projeto procura, ainda, responder ao fosso de comunicação muitas vezes presente entre jovens e seniores, promovendo o diálogo e a partilha intergeracionais.



REDES DE INVESTIGAÇÃO

EXCEPTIUS: SOBRE O EXERCÍCIO DO PODER EM TEMPOS DE PANDEMIA



A componente portuguesa do projeto *Exceptius: Exceptional Powers in Time of Sars-CoV-2 Crisis*, foi estabelecida no Centro de Ética, Política e Sociedade (CEPS), sob a responsabilidade do investigador Roberto Merrill e com a colaboração dos estudantes do Mestrado em Filosofia Política Adriana Machado e Diogo Farinha. Sediado na Universidade de Groningen e financiado pela *Dutch Organization for Health Development and Research*, o projeto *Exceptius* estudará as medidas de emergência no combate à pandemia desenvolvidas por uma série de países europeus, com vista a determinar a estabilidade e resiliência dos sistemas democráticos nesses países.

REVIF: REVALORIZAÇÃO INTERDISCIPLINAR DO FRANCÊS

O projeto “Rencontre d’Experts pour la Valorisation Interdisciplinaire de la Francophonie” (REVIF) visa desenvolver espaços francófonos de inovação, sob a égide da Agência Universitária da Francofonia (AUF), associação mundial de mais de mil instituições universitárias francófonas. Coordenado pela Univ. de Coimbra, o consórcio está representado, no ILCH, por Cristina Álvares (CA, na imagem) e Rosário Girão, que colocam, assim, a UMinho no seio de um conjunto de universidades portuguesas, incluindo o Algarve, Évora, Nova de Lisboa, Porto e UTAD. Na sua génese está o protocolo firmado em 2018 pelo CRUP e pela AUF, o qual, segundo CA, resulta da necessidade de “não apenas conservar, mas sobretudo intensificar e ampliar o estatuto do francês como língua de ciência”.



DOUTORAMENTOS

TRÊS NOVOS DOUTORADOS EM MÚSICA



O Departamento de Música viu com satisfação três docentes terminar com sucesso os seus doutoramentos:

Vera Fonte (à esquerda) defendeu, no Royal College of Music (Londres), a tese *“Reconsidering Memorization in the Context of Non-tonal Piano Music”*.

Mateusz Stasto (à direita) defendeu, na Academia de Música de Cracóvia, a tese *“Elements of Traditional Portuguese Music and their Influence on the Interpretation and Performance of Selected Works by Joly Braga Santos”*.



Isabel Rei Samartim (à esquerda) defendeu, na Universidade de Santiago de Compostela, a tese *“A Guitarra na Galiza”*, na área de História, Geografia e História da Arte.

Aos três novos Doutores, o ILCH endereça as melhores felicitações.



OPINIÃO

UNIVERSIDADE E DIGITALIZAÇÃO: QUE MUDANÇA?



Por: Manuel Gama (Dep. Filosofia)

É verdade que o tempo é feito de mudança (só não era precisa tanta!) e que a necessidade aguça o engenho. No mundo universitário, tem havido muito engenho e alguma arte, em virtude das condições extraordinárias que estamos a viver. Reportando-me às “novas” técnicas para o ensino-aprendizagem – para muitos, experimentadas pela primeira vez –, coloca-se a interrogação: o remoto, o *online*, é conjuntural ou vai assumir caráter sistemático?

Muitas vezes, na vida individual ou social, temos de fazer experiências, para chegarmos à conclusão de que o caminho não é por aí. Penso ser o caso do que estamos a passar. E trago à liça apenas duas das várias ordens de razões.

Primeiro, é forçoso ir pensando a sociedade, mas tendo sempre presentes os valores que queremos e defendemos. Por exemplo, devemos ser tolerantes às desigualdades atentatórias da dignidade da pessoa humana? A parafernália tecnológica, de que falamos, concorre para tal, pois numa sala de aula/laboratório todos os alunos têm o mesmo acesso às vias do conhecimento, enquanto pela via remota tal não acontece.

Em segundo lugar, se a Universidade for entendida apenas como uma Instituição de transmissão de conhecimentos, melhor será optar-se por robôs; podem ser bem melhores do que nós e nem sequer se cansam. No entanto, no meu entendimento, a Universidade tem também a função de educar (a pessoa, o cidadão). Seja pela via mais formal nas atividades universitárias, seja pela via da observação de atitudes de professores nos atos letivos e de investigação, tudo é importante – e indispensável – para a formação. Até pode ser mais confortável, para todos, não sair do aconchego da própria casa. No entanto, sem esforço, não há criação, para se ir construindo a personalidade de cada um.

Em conclusão, o conhecimento pode transmitir-se de formas variadas, nomeadamente pela via digital, vulgo ensino à distância. No entanto, faz parte da natureza do viver humano a interação entre seres de carne e osso, logo, a formação da pessoa, do cidadão, não pode ser subtraída a essa dimensão. Ou seja, na situação em análise, o remoto é demasiado remoto!

SEMINÁRIO

PAUL MELLO E CASTRO FALA DA ESCRITA GOESA NOS ANOS 60



No dia 27 de novembro decorreu o 26º seminário do Projeto Womanart, desta vez com o convidado Paul Mello e Castro, da Universidade de Glasgow. O enfoque recaiu sobre a escritora Maria Elsa da Rocha (1924-2005), uma das mais prolíficas autoras de ficção em língua portuguesa depois do fim do regime português em Goa em 1961. Discutiu-se como os escritores goeses da sua geração tiveram uma particularidade em relação aos seus congéneres em Portugal e nas demais colónias: poderem escrever sobre o Estado Novo depois do Estado Novo enquanto o regime ainda existia. O seminário decorreu *online*.

LANÇAMENTO

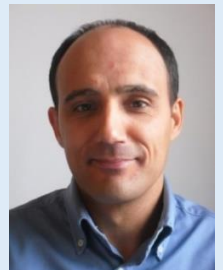
DISCO DE PIANO A SOLO

Luís Pipa lançou, a 6 de novembro, o CD intitulado *“Óscar da Silva”*, pela editora inglesa Toccatà Classics, com vinte temas, dois deles inéditos, do compositor português nascido há 150 anos e considerado o último grande romântico, precursor da música moderna em Portugal.



ELEIÇÕES E CONTESTAÇÕES – OU AS TENSÕES DA DEMOCRACIA AMERICANA

Por: Jorge Pereira (DEINA)



A recente eleição presidencial nos Estados Unidos confirmou o ambiente de divisão social e política que se instalou no país, e a polémica com o arrastar da contagem de votos recorda alguns dos piores momentos da história americana. Talvez seja oportuno lembrar que também no passado houve eleições contestadas, com trocas de acusações e tumultos vários. Já no distante ano de 1800 a eleição presidencial dividira o país entre os apoiantes da França revolucionária e os da Grã-Bretanha, as duas nações envolvidas numa guerra que ameaçou transbordar para a sociedade americana. Lembremos também a eleição de 1824, que ficou para a história como a “negociata corrupta”; da eleição de 1860 bastará dizer que culminou na Guerra Civil. Em 1876, perante a iminência de uma nova guerra civil, a fraude eleitoral obrigou a que o resultado tivesse de ser negociado entre os dois partidos ao abrigo de uma comissão eleitoral especial. A eleição de 1960 está hoje em dia praticamente esquecida, mas apenas porque Nixon optou por evitar uma crise política e constitucional e abdicou de contestar os resultados; em 2000, a eleição terminou com a sentença do Supremo Tribunal que pôs termo à batalha legal em que se transformara a disputa entre Al Gore e George Bush, filho.

Os períodos de tensão no sistema constitucional americano são recorrentes e, regra geral, resolvidos com a sua redefinição. A vitória de Thomas Jefferson em 1800 pôs fim às tentações aristocráticas do período anterior, um desenvolvimento político confirmado com a eleição de Andrew Jackson, em 1828, e o alargamento do direito de voto reforçou o carácter popular da administração política americana. A eleição de Abraham Lincoln em 1860 foi o início do fim da escravatura, mas o retrocesso verificado em 1876 demorou a ser corrigido.

Quem seguiu a eleição deste ano, e as semanas e meses que a antecederam, terá notado a profunda clivagem da sociedade e o tom de rancor no discurso de ambos os lados. O gradual esvaziamento do centro político – sinal de um extremar de posições – e a crescente intransigência dos dois campos parecem indicar que o país atravessa um novo momento de redefinição, sem que ninguém possa adiantar nem a duração, nem como se resolverá. O novo Presidente tem a árdua tarefa de procurar manter a coesão nacional durante este período que se prevê conturbado, navegando por entre as pressões que surgirão de ambos os lados e negociando com um Congresso dividido, ao mesmo tempo que se vê a braços com uma pandemia, um agravar do contexto económico e financeiro do país e um reordenamento da ordem internacional.